

EMATER-DF

Vinculada à Secretaria de Estado de Agricultura
Pecuária e Abastecimento / GDF

AGROINFORME

Boletim do Núcleo de Agronegócio - Ano II nº 013 **10/04/2006** - Fone: 3340
3066

Cotação de Preços (10/04/06)

Recortes

GRÃOS (Preço líquido pago ao produtor)

Feijão Carioca¹ - R\$ 85,00 a 90,00 / sc de 60 kg

Milho² - R\$ 13,25 / sc de 60 kg

Soja² - R\$ 19,48 / sc de 60 kg

HORTALICAS³ (Preço líquido pago ao produtor)

Alface - R\$ 10,00 / cx de 7 kg

Beterraba - R\$ 23,00/ cx 20 kg

Cenoura - R\$ 15,00 / cx 20 kg

Chuchu - R\$ 6,00 / cx 20 kg

Couve Manteiga - R\$ 0,70 / (maço 500 g)

Couve Flor - R\$ 20,00 / Dz

Mandioca - R\$ 7,00 / cx 20 kg

Morango - R\$ xxxx / caixa (04 cumbucas de 350 g)

Pimentão - Campo R\$ 13,00; Estufa R\$ 15,00 / cx 12 kg

Repolho - R\$ 8,00 / sc 20 kg

Tomate - R\$ 32,00 / cx 20 kg

FRUTICULTURA³ (Preço líquido pago ao produtor)

Goiaba - R\$ 18,00/ cx 20 kg

Maracujá - R\$ 2,00 / kg

Tangerina Ponkan - R\$ 12,00 / cx 20 kg

Limão - R\$ 7,00 / cx 20 kg

PECUÁRIA

Bovino

Arroba⁴ - R\$ 49,50 Não Rastreado e R\$ 51,00

Rastreado

Bezerro 8 a 12 meses (nelore ou anelados)⁵
- R\$ 310,00- R\$ 320,00

Leite

Litro⁶ - Latão: R\$ 0,00 ; Tanque: R\$ 0,50

Suíno⁷ - Vivo

Kg - R\$ 1,50

Aves⁷ - Frango Vivo

Kg - R\$ 1,17

Carneiro⁸

Kg - R\$ 3,50 (Borrego) - carcaça R\$ 7,00; R\$ 2,50
ovelha e carneiro para descarte - carcaça R\$ 5,80

Anvisa quer aumentar testes sobre agrotóxicos nos alimentos

A quantidade de resíduos de agrotóxicos nos alimentos vem sendo monitorada desde 2001 pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa). Para isso, o órgão utiliza três laboratórios públicos. O gerente-geral de Toxicologia da Anvisa, Luis Cláudio Meirelles, disse nesta quarta-feira (05-04) que a agência pretende aumentar esse número. Atualmente, as análises estão restritas a laboratórios de saúde pública no Paraná (Lacen), Minas Gerais (Fundação Ezequiel Dias) e São Paulo (Instituto Adolpho Lutz). Por ano, são realizadas 1,5 mil análises que custam R\$ 800 cada.

Fonte: Agrolink

Produção brasileira de grãos será de 121,5 milhões/t

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), o Brasil vai colher 121,5 milhões de toneladas de grãos na safra 2005/2006. A produção é 6,6% maior que a safra anterior de 113,9 milhões/t, quando o plantio foi prejudicado pela estiagem, sobretudo nos estados da região Sul. O crescimento se deve à recuperação da produtividade. Os números são do 5º levantamento da safra atual realizado pelo órgão e divulgado ontem (05/04) pelo presidente da Companhia, Jacinto Ferreira.

Este resultado confirma o intervalo inferior estabelecido pela Conab no primeiro levantamento realizado em outubro do ano passado, onde a produção variava entre 121,5 e 124,9 milhões/t. Mas, quando comparada à pesquisa extra de 122,6 milhões/t, anunciada em março, a estimativa aponta uma redução de 0,9%, ou 1,1 milhão/t. A principal responsável pela quebra continua sendo a adversidade climática, como a ocorrência de seca nos estados do Centro-Sul nos dois primeiros meses do ano.

Os números também foram reduzidos em relação à área plantada, agora projetada em 47,0 milhões de hectares (ha), contra 49,1 milhões/ha da safra anterior, ou 4,3% a menos. Essa realidade é detectada principalmente nas culturas de algodão (-27,9%), arroz (-19,8%), soja (-4,8%), milho segunda safra (-3,0%) e trigo (-4,3%). Por outro lado, houve crescimento nas áreas de plantio do feijão primeira safra (+7,7%), segunda safra (+6,4%) e de milho primeira safra (+4,8%).

Milho (primeira safra) - O milho teve aumento de 4,7 milhões/t (17,1%), saindo de 27,3 milhões/t para 31,9 milhões/t. O da segunda safra aumentou 1,1 milhão/t (14,5%), passando de 7,7 milhões/t para 8,8 milhões/t.

Soja - A produção aumentou 4,3 milhões/t (8,3%), passando de 51,4 milhões/t para 55,7 milhões/t.

Fonte: Conab.

Área plantada de grãos pode ser a menor em sete anos

Clima adverso e perda de competitividade pela desvalorização do dólar motivam a crise no campo. A área plantada com lavouras de grãos no Brasil pode cair 21% neste ano, para até 36,9 milhões de hectares, a menor desde 1998.

FONTES : ¹ COARP; ² COOPA-DF; ³ CEASA-DF; ⁴ FRIGOALFA / FNP; ⁵ SR EZIO - Padre Bernardo; ⁶ ARAGUAIA; ⁷ ASA ALIMENTOS; ⁸ LM

"A crise no campo indica que vamos voltar à área plantada dos anos do governo Fernando Henrique Cardoso", projeta o analista André Pessoa, da Agroconsult.

No interior do País se multiplicam histórias de agricultores devolvendo tratores, renegociando dívidas e demitindo funcionários. A atual situação da agricultura é resultado de uma equação que envolve três anos consecutivos de quebra da safra em razão de problemas climáticos, a redução dos preços das principais commodities agrícolas, como soja e milho, e a valorização de 18,5% do real frente ao dólar nos últimos 12 meses, tornando o agronegócio brasileiro menos competitivo frente a seus principais adversários, que são Argentina e EUA.

O termômetro da crise pode ser expresso em números. A recessão no campo mostra que o PIB do agronegócio encolheu 4,7% no ano passado e deve fechar com uma queda ainda mais expressiva neste ano.

Produtores agrícolas devedores do crédito rural deverão enviar em massa notificação aos bancos de que não poderão pagar suas dívidas. "Será a maior manifestação de insolvência dos tempos recentes", afirmou o presidente da Comissão Nacional de Crédito Agrícola da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil, Carlos Sperotto.

A notificação será coletiva e está sendo coordenada pela CNA. A distribuição dos formulários já está sendo feita pela entidade. Os agricultores deverão preencher os impressos com os dados pessoais e relativos às pendências bancárias e enviá-los às instituições financeiras à medida que as dívidas forem vencendo. Sperotto explicou que a notificação e o consequente pedido de prorrogação dos pagamentos estão previstos na legislação que criou o crédito agrícola.

Prorrogar o vencimento das dívidas agrícolas é apenas parte da solução para a grave situação financeira dos produtores, informa Sperotto. A agricultura brasileira aguarda a edição do que se convencionou como MP do Bem da Agricultura, o que deverá ocorrer a partir de amanhã. Apesar de ter sido anunciado o envio de medida provisória ao Congresso boa parte das medidas de socorro ao setor dispensam a apreciação de deputados e senadores, uma vez que incluem renúncia fiscal e definição das normas para o financiamento da produção e para o Programa de Escoamento de Produto (PEP).

Segundo o secretário de Política Agrícola do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), Ivan Wedekin, a proposta é de adotar um conjunto de medidas para atenuar as dificuldades no campo, que deverão se anunciadas durante esta semana. Muitas dessas medidas ainda estão sendo negociadas com a área econômica do governo, como a redução ou até a completa isenção de impostos para os fertilizantes e defensivos. "Os agricultores enfrentam os efeitos dramáticos da quebra de três safras consecutivas e precisam de apoio", disse Wedekin. Segundo informou, a correção de rumo será por meio de medidas estruturais que contribuam para a redução dos custos de produção, mas haverá também recursos para financiar a comercialização.

A intenção do governo é reduzir custos para evitar a queda da produção agrícola e a redução dos investimentos em tecnologia no campo, o que levaria a uma dramática redução na oferta de alimentos no país.

Técnicos do Ministério da Agricultura defendem também a edição de uma medida provisória, para a redução dos preços dos insumos. Na prática significa a criação de produtos veterinários e defensivos agrícolas genéricos, na forma como existem em outros países agrícolas, como a Argentina. O genérico agrícola teria um preço 10% menor que os convencionais.

Medidas para a drástica queda nos custos das lavouras terão efeito mais rápido em favor dos agricultores, do que teria a correção das taxas de câmbio ou a abrupta alta dos preços, de acordo com o raciocínio de alguns analistas. Para o consultor Daniel Dias, da FNP, o maior entrave à atividade agrícola são os custos elevados da produção. Infra-estrutura deficiente também deverá contribuir para agravar a situação dos produtores.

Para Dias, o produtor não deverá desistir de plantar suas lavouras. Isso significa que a tendência de os estoques crescerem ainda mais. "Será a maior relação estoque consumo dos últimos tempos", disse Dias. Como a tendência é de o real se manter valorizado por um bom tempo, com a oferta elevada, os preços podem cair ainda mais. A saída, para ele, é gastar menos nas próximas safra para garantir pequena margem de lucro.

EUA plantam mais soja:

Neste contexto, a lavoura de soja, que responde por quase 50% da área cultivada no Brasil, deve ser uma das mais prejudicadas. Na última semana, o governo dos Estados Unidos anunciou sua primeira estimativa de plantio para a safra nova, prevendo aumento de 6,6% na área cultivada com soja, e queda de 4,6% para o milho. Em razão dos elevados custos de fertilizantes para a lavoura de milho, os americanos optaram pela soja, o que deve repercutir na decisão de plantio no Brasil.

"Este crescimento de área nos Estados Unidos é mais uma prova de que a crise é no Brasil e provocada pelo câmbio", diz Renato Sayeg, da Tetras Corretora. Para ele, se a safra americana escapar de problemas climáticos, certamente teremos mais um ano de preços fracos para a soja em 2006/07. "Não sei se vamos reduzir a área cultivada, mas certamente o nível de tecnologia será menor".

Isabel Dias de Aguiar e Lucia Kassai

Fonte: Gazeta Mercantil